



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/08/2026 e 13/08/2026

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

uranteENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
07/08/2026	11,56	308,10	68,16	6,39	4,39
10/08/2026	11,57	303,70	69,46	6,40	4,38
11/08/2026	11,47	303,40	68,45	6,30	4,36
12/08/2026	11,64	311,00	68,96	6,52	4,57
13/08/2026	11,68	309,90	68,67	6,52	4,48
Média	11,58	307,22	68,74	6,43	4,44

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	123,00	
RS – Ibirubá***	123,00	
PR – Pato Branco	127,00	
PR – M.C.Rondon	124,00	
MT – C.N.Parecis	122,00	
MS – Maracaju	131,00	
GO - Rio Verde	124,00	
BA – L.E.Magalhães	129,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	68,00	CIF
Porto de Paranaguá	68,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Nonoai	58,00	
SC – Rio do Sul	60,00	
PR – M.C.Rondon	57,00	
PR – Pato Branco	59,50	
MT – C.N.Parecis	45,00	
MS – Maracaju	49,00	
SP – Itapetininga	62,50	
SP – Campinas	67,00	CIF
GO – Rio Verde	53,00	
GO – Jataí	53,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	70,00	
RS – Ibirubá***	69,00	
PR – Pato Branco	75,00	
PR – M.C.Rondon	75,00	

Período: 12/08/2026

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

(***) Cf. Agrolink

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 13/08/2026**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	59,00	125,20	69,80

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
13/08/2026**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	67,15
Feijão (saco 60 Kg)	181,71
Sorgo (saco 60 Kg)	50,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,80
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	12,42

(*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(**) Referência Junho/26, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado, voltou a recuar em parte da semana, chegando a US\$ 11,47/bushel no dia 11/08. Já a partir do dia 12/08, após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, o mercado subiu. Com isso, o fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 11,68/bushel, contra US\$ 11,57 uma semana antes.

O relatório do USDA foi até baixista para o mercado, pois aumentou mais um pouco a estimativa de colheita nos EUA, colocando a mesma em 123 milhões de toneladas, contra 121,8 milhões em julho. Ou seja, o clima quente e seco de julho não teria provocado quebras na safra estadunidense. Os estoques finais nos EUA, para o ano 2026/27, subiram um pouco, chegando a 8,7 milhões de toneladas estimadas. Por sua vez, a produção mundial aumentou para 442,2 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais globais ficariam em 124,2 milhões de toneladas. A demanda por importação, por parte da China, foi mantida em 115 milhões de toneladas, enquanto a produção brasileira e argentina foi mantida em 186 milhões e 50 milhões de toneladas respectivamente. Assim, o preço médio aos produtores estadunidenses de soja ficou mantido em US\$ 11,40/bushel para o novo ano comercial.

Por outro lado, no dia 09/08 as condições das lavouras de soja dos EUA haviam recuado para 62% entre boas a excelentes, contra 68% no mesmo período do ano passado. Apesar disso, a formação de vagens chegava a 74% da área semeada, contra a média de 69%. Isso significa que o desenvolvimento das lavouras, neste ano, está mais adiantado.

Enquanto isso, as exportações de soja, por parte dos EUA, chegaram a 399.000 toneladas na semana encerrada em 06/08, fato que levou o acumulado do atual ano comercial a 39,8 milhões de toneladas, representando 18% abaixo do volume exportado no mesmo período do ano passado.

Pelo lado da demanda, a China registrou recuo de 1,6% nas suas importações de soja em julho, em relação ao mesmo mês do ano anterior, com o volume ficando em 11,48 milhões de toneladas (cf. Alfândega Chinesa). As compras recuaram devido a expectativa de menor demanda por ração, diante da diminuição do rebanho de matrizes suínas. Assim, entre janeiro e julho as compras chinesas de soja atingiram a 61,05 milhões de toneladas, registrando um aumento de apenas 0,7% sobre o mesmo período do ano anterior. Talvez este quadro melhore diante da retomada das compras de soja dos EUA. Nos primeiros seis meses do ano a China comprou apenas 9,31 milhões de toneladas do país norte-americano. O problema é que, diante da redução no consumo de ração, os estoques de farelo de soja estão se acumulando no país asiático. Em tal contexto, a empresa estatal chinesa Sinograin teria vendido mais 516.000 toneladas de soja importada, em um terceiro leilão nas últimas semanas, visando liberar espaço nos estoques para a entrada da soja estadunidense, a qual está sendo comprada em função dos acordos comerciais entre EUA e China. Segundo os chinesas, a soja leiloadada era originária das safras 2022 a 2024.

E no Brasil, os preços se mantiveram relativamente estáveis, embora o Real tenha sofrido uma desvalorização que o colocou em R\$ 5,19 por dólar durante o pregão da quinta-feira (13) e os prêmios se mantenham ao redor de US\$ 1,50/bushel para agosto.

Assim, no Rio Grande do Sul as principais praças permaneceram em R\$ 123,00/saco, enquanto nas demais praças nacionais os valores oscilaram entre R\$ 122,00 e R\$ 131,00/saco. Vale destacar que o valor FOB, nos portos, continuou entre R\$ 145,00 e R\$ 155,00/saco. Ou seja, os preços continuam próximos dos melhores níveis do ano, fato que leva a um avanço na comercialização da soja por parte dos produtores brasileiros. Em Rio Grande, a soja 2026, “com entrega entre outubro e novembro, e pagamento em janeiro/27, esteve a R\$ 151,50/saco. E se o pagamento for em 25 de maio, chega a R\$ 157,00 por saco. Para a soja 2027, os indicativos variam de R\$ 138,50 a R\$ 144,00/tonelada, também a depender dos prazos de pagamento e entrega” (cf. Brandalizze Consulting). Em condições iguais de câmbio e prêmio, o preço ao produtor de soja gaúcho, na próxima safra, a partir desta realidade no porto, tem indicativo de R\$ 106,00 a R\$ 110,00/saco.

Enfim, o STF, nesta semana, reconheceu a legalidade da Moratória da Soja. Esta Moratória é um pacto voluntário, firmado em 2006, entre empresas exportadoras (tradings), indústrias e organizações civis, pelo qual estaria proibido a compra de soja cultivada em áreas do bioma Amazônia desmatadas após julho de 2008, mesmo que o desmatamento ocorra dentro dos limites permitidos pelo Código Florestal. O setor produtivo, diante disso, argumentava que o acordo restringe a produção legal autorizada pelo Código Florestal e gera prejuízos bilionários ao comércio, exigindo indenizações. Já os ambientalistas defendem que a iniciativa foi essencial para reduzir drasticamente o avanço do desmatamento na floresta amazônica ao impor uma barreira comercial. O STF entendeu que o setor privado tem autonomia para definir critérios comerciais e escolher de quem comprar.

MERCADO DO MILHO

O primeiro mês cotado, em Chicago, após recuar para US\$ 4,36/bushel no dia 11/08, subiu para US\$ 4,57 no dia 12/08, após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA. Já o fechamento do dia 13/08 (quinta-feira) registrou novamente um recuo, ficando em US\$ 4,48/bushel, contra US\$ 4,39 uma semana antes.

O relatório manteve, para 2026/27, a estimativa da safra estadunidense em 406 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficaram em 42 milhões, com um recuo de quase 3,5 milhões de toneladas sobre julho. Em termos mundiais, o volume a ser colhido aumentou dois milhões de toneladas, atingindo a 1,299 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais globais sofreram um pequeno recuo, para 274,7 milhões de toneladas. A produção brasileira de milho está projetada em 139 milhões de toneladas e a da Argentina em 55 milhões. Com isso, o preço médio ao produtor do cereal nos EUA registraria US\$ 4,50/bushel neste novo ano comercial.

Dito isso, as condições das lavouras de milho nos EUA, em 09/08, recuaram para 61% entre boas a excelentes, contra 72% no mesmo período do ano anterior.

Enquanto isso, os embarques de milho pelos EUA, na semana encerrada em seis de agosto, atingiram a 1,74 milhão de toneladas, levando o total acumulado no ano a 79,02 milhões, ou seja, 25% acima do registrado em igual período do ano anterior. Naquela semana, tais embarques foram historicamente os melhores, para uma semana

de agosto. A Espanha foi o principal destino, representando 21% do total exportado pelos EUA em milho.

Ainda no exterior, a França aponta que sua produção de milho deverá recuar 35% em 2026 diante dos problemas climáticos vividos pelo país. Com isso, o volume a ser colhido cai para 9 milhões de toneladas, sendo este o mais baixo desde 1980. Já analistas privados estimam uma safra ainda menor, ficando ao redor de 6,9 milhões de toneladas, ou seja, a menor desde 1976 (cf. Argus Media). A produção francesa de trigo igualmente será menor, devendo cair 4% em relação ao ano anterior, ficando em 31,9 milhões de toneladas. Já a produção de canola foi revisada para cima, podendo alcançar 4,7 milhões de toneladas (2% acima do registrado no ano anterior) e a de girassol ficando em apenas 1,4 milhão de toneladas, sendo este o menor volume desde 1980.

E aqui no Brasil, os preços do milho pouco oscilaram, mais uma vez. No Rio Grande do Sul as principais praças trabalharam com valores de R\$ 58,00/saco, enquanto no restante do país os preços oscilaram entre R\$ 45,00 e R\$ 62,50/saco.

Dito isso, as exportações brasileiras de milho começam a acelerar em agosto. Segundo a Secex, após o Brasil ter exportado 1,94 milhão de toneladas do cereal em julho/26, contra 2,4 milhões em junho do ano passado, deixando a média diária 20,2% abaixo da média de julho/25, para agosto a projeção é de vendas externas muito maiores. O mês iniciou já com 2,5 milhões de toneladas nomeadas para exportação. Isso demonstra que, a partir de agora, as exportações estão realmente disputando milho com a demanda interna. Nos quatro primeiros dias úteis de agosto o país já exportou 481.000 toneladas, sendo 72.000 para o Vietnã, outras 79.000 para a Arábia Saudita, e 75.000 toneladas para a China, demonstrando que o milho brasileiro está competitivo no mercado mundial (cf. Agrinvest). Também aqui a Espanha aparece como um importante comprador para o conjunto do ano. O mercado chega a considerar que, se a Espanha comprar mais de 600.000 toneladas em agosto, o total a ser exportado pelo Brasil, no atual ano comercial, tenderá a ultrapassar as 40 milhões de toneladas. Lembrando que o relatório do USDA, deste dia 12/08, aponta exportações brasileiras do cereal em 44 milhões de toneladas para 2026/27.

Enfim, a colheita da safrinha de milho 2026, no Centro-Sul brasileiro, teria atingido a 79% da área semeada no dia 06/08, contra 88% um ano antes (cf. AgRural). Já o Mato Grosso, maior produtor nacional de milho e soja, chega ao final da colheita da safrinha estimando um volume de 57,4 milhões de toneladas, com alta de 3,5% sobre o ano anterior. A área total plantada ficou em 7,43 milhões de hectares, com alta de 2,4% sobre o ano anterior, e a produtividade média estável em 128,7 sacos/hectare. A demanda, sustentada pelas usinas de etanol, chegaria a 57,2 milhões de toneladas em 2025/26, sendo que o consumo interno ficaria em 22,1 milhões de toneladas, com alta de 9,1% sobre o ano anterior. Já as vendas para outros Estados brasileiros chegaria a 11 milhões de toneladas, com 6,2% de aumento sobre o ano anterior. Com isso, o Estado projeta exportar 1,1% a menos neste ano, com o volume ficando em 24,1 milhões de toneladas. Por outro lado, os produtores de milho do Mato Grosso encerraram julho com 64,3% da safra 2025/26 vendida. Já para a safra 2026/27 a comercialização atingiu a 10,6% do volume a ser colhido. Para a soja, a safra 2025/26 alcançava 93,1% vendida e, para a safra 2026/27, as vendas da oleaginosa atingiam 30,2% de forma antecipada (cf. Imea).

MERCADO DO TRIGO

A cotação do trigo, para o primeiro mês, após cair para US\$ 6,30/bushel no dia 11/08, se recuperou e fechou a quinta-feira (13) em US\$ 6,52, contra US\$ 6,31 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/08, trouxe uma leve redução na produção e nos estoques finais estadunidenses para 2026/27. No primeiro caso, o volume estimado é de 41,7 milhões de toneladas (um recuo de 23% sobre o ano anterior) e, no segundo caso, o volume é de 19,5 milhões (uma queda de 22% sobre o ano 2025/26). A produção mundial do cereal, após atingir a 843,4 milhões de toneladas no ano anterior, deverá cair para 819,3 milhões neste novo ano comercial. Um recuo de 2,8%. Os estoques finais mundiais sobem levemente, atingindo a 273,2 milhões de toneladas. A colheita da Argentina foi mantida em 21 milhões de toneladas e a do Brasil reduzida para 6,1 milhões. Assim, o preço médio estimado ao produtor estadunidense de trigo, neste novo ano comercial, sobe para US\$ 6,20/bushel.

Ao mesmo tempo, na semana encerrada em 06/08, os EUA exportaram 421.000 toneladas, atingindo a 3,3 milhões de toneladas exportadas de trigo no atual ano comercial, iniciado em 1º de junho passado. Este volume é 25% abaixo do registrado no mesmo período do ano anterior.

Por sua vez, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, atingia a 91% da área no dia 09/08, ficando exatamente dentro da média histórica. Já o trigo de primavera, na mesma data, alcançava 24% de área colhida, contra 19% na média.

Enquanto isso, as exportações russas de trigo, em agosto, tendem a ser as mais baixas em quase uma década. Isso se deve aos problemas de transporte no Mar Negro devido ao recrudescimento da guerra entre Rússia e Ucrânia. Segundo a Sovecon, tais exportações poderão recuar para algo entre 3 a 3,4 milhões de toneladas, o mais baixo volume para um mês de agosto desde o ano 2016/17. Em tal contexto, o volume total a ser exportado pela Rússia, em 2026/27, foi revisto para baixo, devendo atingir a 44,5 milhões de toneladas (cf. Ikar).

Ao mesmo tempo, a Ucrânia reduziu sua previsão de exportação de grãos para a safra de julho a junho de 2026/27 para algo entre 38 a 40 milhões de toneladas, o que representa uma queda de até 12% em relação à projeção anterior, devido aos ataques ao seu centro portuário de Odessa, no sul do país (cf. Reuters).

Já no Brasil, os preços se mantiveram estáveis, com o Rio Grande do Sul registrando valores entre R\$ 69,00 e R\$ 70,00/saco, enquanto no Paraná os mesmos permaneceram em R\$ 75,00.

Dito isso, as vésperas de iniciar uma nova colheita do cereal, o Paraná indica que está prestes a enfrentar o maior déficit de abastecimento de trigo de sua história. Com uma produção estadual projetada em apenas 2,2 milhões de toneladas, diante de uma moagem prevista em 3,85 milhões de toneladas, o Estado terá que recorrer a importações substanciais. Lembrando que o Paraná responde por 30% da produção

nacional de farinha de trigo. Além disso, os moinhos vêm de um período de margens apertadas pela dificuldade de repassar a alta do grão para o preço da farinha.

Aliás, a safra brasileira, que era projetada em 7,2 milhões de toneladas no início do ano, deverá ficar entre 5,5 a 5,9 milhões de toneladas. Com isso, o Brasil deverá registrar a maior importação de trigo de sua história neste novo ano comercial. A Argentina segue como a origem mais competitiva pela proximidade logística e pela inserção no Mercosul, mas carrega um problema de qualidade em seu trigo. A safra atual, que abastece o mercado até novembro, apresenta baixo teor de proteína e de glúten úmido, resultado direto do menor uso de fertilizantes nitrogenados nas lavouras vizinhas, os mesmos que encareceram a produção no Brasil. “E buscar qualidade em outras origens eleva drasticamente os custos. O trigo estadunidense chega a custar cerca de R\$ 300,00 a mais por tonelada em relação ao argentino, pressionado pela menor safra dos Estados Unidos desde 1970 e pelo menor saldo exportável registrado desde 1960, segundo a série histórica do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). No Mar Negro, o recrudescimento dos conflitos entre Rússia e Ucrânia, com ataques a navios cargueiros e graneleiros no Mar de Azov e no Mar Negro, inflacionou fretes e seguros marítimos. O Paraguai, parceiro tradicional que costuma enviar trigo ao Paraná, também projeta redução em seu saldo exportável: de 600 mil toneladas no ciclo anterior para no máximo de 350 mil toneladas agora. A única variável que tem amenizado parcialmente o custo das importações é o câmbio. Com um dólar oscilando entre R\$ 5,00 e R\$ 5,20, o trigo negociado em dólares fica mais barato em reais. A escalada dos preços internacionais, no entanto, tem eliminado parcialmente esse ganho cambial, resultando em custos de importação mais elevados nesta temporada” (cf. Safras & Mercado).

Além disso, o sul do país volta a enfrentar problemas climáticos, como excesso de chuvas e granizo, acompanhado, agora, de calor e alta umidade, fato que reduz o potencial produtivo do cereal, devendo trazer a colheita final para um volume ainda mais baixo do que o já reduzido número esperado.

Diante disso, as importações brasileiras de trigo e centeio, nestes primeiros dias de agosto, apontam para um volume de 126.200 toneladas, com crescimento médio de 7,7% sobre igual momento do ano anterior. E os gastos com importação, apesar do câmbio favorável, aumentam devido a melhoria dos preços externos. O preço médio obtido até aqui, em agosto, ficou em US\$ 241,40/tonelada, contra US\$ 231,80 no mesmo período de 2025, ou seja, uma alta de 4,1%. Com isso, a despesa média diária com as compras externas chegou a US\$ 6,09 milhões, ante US\$ 5,43 milhões há um ano, ou seja, um crescimento de 12,2% (cf. Secex).

Por outro lado, este quadro apertado de oferta em volume e qualidade vem aumentando os preços internos do trigo, mesmo que de forma lenta e insuficiente. Efetivamente, com a necessidade de recompor estoques, compradores vêm elevando gradualmente as ofertas na tentativa de encontrar lotes de melhor qualidade, enquanto vendedores ainda apresentam disponibilidade limitada de trigo da safra 2025 e a colheita 2026 apenas está iniciando.

Enfim, com a produção nacional em queda, estoques restritos e riscos climáticos sobre a nova safra, a evolução das importações deverá ser um dos indicadores importantes para acompanhar o abastecimento e a formação dos preços do trigo no Brasil nos

próximos meses, havendo potencial para os preços pagos aos produtores aumentarem mais para o final do ano e início de 2027.